

# Saiu o resto do velho jumbo: US\$ 1,8 bilhão.

Agora, os bancos estrangeiros devem liberar pelo menos parte do novo jumbo de 6,5 bilhões para fechar as contas de 83.

Os bancos credores do Brasil liberaram ontem a parcela de US\$ 1,8 bilhão do empréstimo-jumbo de US\$ 4,4 bilhões formalizado em fevereiro deste ano. Essa informação foi dada ontem, em Nova York, pelo chairman do comitê de assessoramento da dívida externa brasileira, William Rhodes, segundo quem esses fundos serão utilizados para cobrir parte das necessidades de recursos externos do País.

O desembolso, feito pelo Morgan Guaranty Trust, completa a fase 1 do programa de financiamento ao Brasil pelos bancos comerciais.

Rhodes revelou que o jumbo da fase 2 continua progredindo (esse empréstimo destina-se a cobrir as necessidades do Brasil para o restante de 83 e todo o ano de 84). Ele afirmou que os bancos comerciais já se comprometeram a fornecer US\$ 6,2 bilhões de um total pedido de US\$ 6,5 bilhões, que correspondem a sua parte na fase 2, da qual também participam o FMI e os bancos centrais.

O Banco Central dilatou para junho o prazo para que os bancos credores escolham as empresas públicas brasileiras que receberão recursos do empréstimo-jumbo de US\$ 4,4 bilhões acertado neste ano. O prazo original era setembro, mas os bancos não nomearam as empresas por causa das indefinições no programa externo brasileiro.

No contrato do empréstimo-jumbo, ficou acordado que os bancos estrangeiros é que determinariam quais as empresas públicas que receberiam os recursos. O Banco Central entregou aos bancos uma lista das empresas públicas selecionadas, mas, embora os dólares fossem sendo liberados, os cruzeiros correspondentes tiveram de ficar depositados no Banco Central.

Isso causou problemas sérios para as empresas estatais que, não recebendo os cruzeiros, acumularam dívidas com o Banco do Brasil, que cobre seus débitos atrasados junto ao Banco Central. Na reunião de hoje do Comor (Comitê Interministerial de Acompanhamento e Execução dos Orçamentos Públicos), esse assunto será amplamente analisado, inclusive porque algumas empresas já estão solicitando ao Banco Central a liberação dos recursos.

Diante disso, segundo fonte do Ministério da Fazenda, o BC estabeleceu o prazo limite de junho para os bancos credores definirem quem receberá os empréstimos. A partir daí, não havendo qualquer manifestação, o próprio BC repassará o dinheiro.

## O que Delfim espera conseguir dos banqueiros árabes

Depois de passar pela Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Bahrein, onde encontrou-se com banqueiros e autoridades econômicas árabes, o ministro do Planejamento, Delfim Neto, disse ontem estar certo de que os bancos do Oriente Médio vão participar dos diversos projetos que compõem a negociação da dívida brasileira, especialmente do jumbo de US\$ 6,5 bilhões, que ainda espera por US\$ 300 milhões para fechar.

Delfim esperava que os bancos árabes contribuíssem com pelo menos US\$ 175 milhões, mas, segundo fontes ouvidas pela agência Latin-Reuters, até o momento eles só se comprometeram a fornecer cerca de US\$ 65 milhões. Desse total, os bancos sauditas entraram com 10 milhões, enquanto o Kuwait contribuiu com 50 milhões.

Segundo as mesmas fontes, Delfim conseguiu poucos resultados em seus encontros nos Emirados Árabes Unidos e na Arábia Saudita, mas espera-se que o Kuwait esteja mais disposto a ajudar o Brasil. As fontes lembraram ainda que os bancos árabes em geral não têm grandes investimentos na América Latina e têm poucos motivos para incrementar seus compromissos na área.

Na Arábia Saudita, Delfim reuniu-se com o ministro das Finanças, xeque Abu El Khail; em Bahrein, principal centro financeiro do Oriente Médio, o encontro foi com o ministro das Finanças, Ibrajím Abdel-Karim, o governador da Agência Monetária do Bahrein, Abdulla Hassam Saif, e o governador da Agência Monetária da Arábia Saudita, Abdul Aziz Alqunaish. Em Abu-Dhabi, capital dos Emirados Árabes, o ministro Delfim Neto reuniu-se com o chefe da Casa Civil e presidente da Corte, xeque Surour Al-Nahyan e com o presidente do Banco Central, Abd El Malek El-Hammar.

Segundo a Seplan, após esses encontros, o ministro do Planejamento declarou que "houve concordância de pontos de vista em torno da necessidade de se realizarem esforços de profundidade para ampliar o volume de comércio do Brasil com os países exportadores de petróleo, especialmente nessa região do mundo".

Contudo, a Seplan não informou qual o valor dos comprometimentos dos bancos árabes com o jumbo, nem quais os bancos que eventualmente deixaram de participar do pacote financeiro em fase final de negociação em Nova York. Delfim chegou ontem ao Kuwait, mas não se hospedou no Hilton Hotel, conforme havia sido programado, porque as vidraças do hotel foram partidas com a explosão da carga de dinamite atirada contra a embaixada norte-americana, que fica nas proximidades. Ele foi alojado num hotel distante da região atingida, e imediatamente iniciou contatos com as autoridades financeiras locais, visando ao mesmo objetivo: o apoio dos bancos árabes à renegociação da dívida brasileira.

Calor um contrato